Se nasce. A completa falta de memória de antes do momento do nascimento não evidencia a não pré-existência de uma consciência mais do que o esquecimento de qualquer evento evidencia o seu não acontecimento. Espaço e tempo, em cores, sons e outras coisas apenas nomeáveis, desde a concepção, somos bombardeados com uma vasta gama de sensações. Mesmo quando dormimos, não é certo que ocorre em algum momento alguma trégua desse fluxo de informações.

O movimento surpreendente da mente que se dá não é a distinção de cada coisa, mas sim a união, o agrupamento e a correlação. A existência individual é óbvia, é o que se apresenta a cada instante. Não existe a princípio uma memória, uma estrutura que relacione tudo aquilo que é sentido a cada instante. Assim, todas as coisas só podem parecer desconexas. O prazer, a dor, a ansiedade, o alívio, tudo vem e vai de forma incompreensível.

Mas gradualmente, muito lentamente, de um sistema de memorização involuntário e que funciona sem nossa prévia ciência, e ao mesmo tempo essencial para haver qualquer ciência, a memória expressa as relações entre todas essas coisas que passam diante da mente como um carrossel.

O sofrimento e o bem-estar parecem estar desde o princípio passando nesse carrossel, e todas as outras coisas parecem se ligar a um ou ao outro.

Ao longo do tempo, o indivíduo percebe que há um grau variável de correlação entre suas intenções e a forma desse carrossel. Há mesmo coisas que parecem totalmente fora do seu domínio. Em certo momento, o indivíduo intui a existência de coisas semelhantes a si, que tem suas próprias vontades, cujos domínios têm seus próprios limites. Eventualmente, e durante muito tempo, percebe-se uma grande diferença entre o seu próprio limite e o dos outros. No geral, os outros seres são maiores e poderosos, capazes de em simples gestos mudarem todo o carrossel. Essa percepção é desenvolvida por muitos anos, feitos de muitos dias e incontáveis horas de espera para que a vontade desses seres mova o carrossel a nosso favor. O que aprendemos também muito cedo é que sim, existe um grande poder sobre os outros, mas esse poder, talvez como todo outro, vem com um compromisso. Esse poder está na manipulação da vontade dos outros, na chantagem. O compromisso aqui, que acaba passando facilmente despercebido por toda a vida, é que o ato de manipulação da vontade dos outros depende da manipulação voluntária da própria vontade desse indivíduo pelos outros. Para influenciar alguém, alterar a sua trajetória, é preciso primeiro reconhecer e moldar suas próprias ações pelas vontades desse outro. Chegando talvez em mais um caso particular da Lei de Ação e Reação da física, percebe-se que para influenciar alguém, é preciso deixar-se levar também pela vontade do outro, alterar sua própria trajetória.

Inicialmente, ele começa a manipular para trazerem o mundo para sua satisfação. Antes era ele quem determinava a moeda de troca, que se resumia muito bem a não produção de barulhos insuportáveis. Porém, com pouco tempo, sua técnica se volta contra ele, quando os maiores, passam a fazer exigências expressas. Agora eles o classificam como bom ou mau, que, na verdade, são conceitos muito simples a princípio, significando ser ou não ser merecedor de ajuda para alcançar o bem-estar, e mesmo ser ou não merecedor de ser diretamente levado a um estado de descontentamento. Se vendo derrotado por tantos anos, o indivíduo, em geral, se adapta a esse sistema, no qual ele irá procurar a afirmação de sua qualidade nos outros, motivado pelo pavor da memória do sofrimento e de sua incompetência em garanti-la por meios próprios.

O ser menor, menos poderoso, é dito que sua condição é passageira, que um dia terá sua independência da vontade de outros e chega realmente a acreditar nisso. Porém ele descobrirá que, não realmente surpreendentemente, a sociedade desses seres maiores é moldada pelo vício de afirmação através da vontade do outro.

O pavor da parcela de sofrimento fora de nossa agência se transforma no pavor de não aprovação pelos outros, que nos manipula para que possamos manipular os outros.

Em certo ponto, o sexo se apresenta, mesmo que não seja apresentado. É uma condição realmente biológica, um meio de perpetuação de um tipo de vida e que vem com o convite na forma de a forma talvez mais intensa de prazer. Mas é por esse mesmo tempo que a promessa de independência deve realizar-se. É então que o indivíduo encontra a frustração. Para conseguir tal prazer ele deve passar mais uma vez pelo julgo caprichoso dos outros. Mais que isso, no mundo em que se encontra, ser aceito como parceiro sexual de alguém muitas vezes é uma valiosa moeda de troca para criar muitas oportunidades.

É aqui que a chance de desenvolver empatia pelas pessoas é comprometida. A primeira coisa que o indivíduo vê em qualquer outra pessoa não é a oportunidade de resolver sua solidão, a falta de correspondência com o mundo externo, mas sim a ameaça que o potencial desagrado ou mesmo indiferença daquela pessoa representa para seu bem-estar. Ao chegar em uma sociedade, em muito grupo qualquer de indivíduos, é percebida a ameaça máxima relativa como a opinião da pessoa mais cobiçada sexualmente. Assim, não o interesse sexual próprio apenas, mas sim a percepção do interesse sexual de todos os outros traz de volta o pavor da desaprovação e, com ele, a visão daquela pessoa como uma ameaça a ser neutralizada em primeiro lugar. E o movimento mais comum do indivíduo será realmente o de neutralização daquela ameaça. A forma mais comum é recorrer a técnica original de moldar suas atitudes conforme as vontades daquela outra. Mas aqui surge algo novo, o movimento de comprometer aquela imagem social que gerou seu pavor em primeiro lugar. E uma das formas mais populares é manipular a pessoa até o ato sexual, cuja memória serve de remédio para a insegurança constante. O sexo é tomado ou como troféu que deve provar o valor do indivíduo naquela sociedade ou como instrumento de humilhação daquela outra pessoa. De uma forma ou de outra, não se trata mais de empatia, de uma correlação entre o bem-estar de dois indivíduos, mas sim de uma manobra para, a despeito do bem-estar da outra, resolver a própria insegurança.

Tal comportamento parece realmente um trauma da infância do indivíduo, do vício desenvolvido de depender demais da aprovação dos outros. Essa noção de dependência de aprovação faz realmente sentido na medida em que é necessária para resolver a sobrevivência e solidão, mas torna-se ridícula quando permanece em estágios da vida de um indivíduo em que ele realmente não depende dessa forma dos outros. Em um mundo permeado com milhões de diferentes personalidades poderia ser um mundo onde os adultos não tem mais insegurança de basear suas atitudes em suas vontades, em que não se sentem ameaçados por todo indivíduo que tem qualquer nível de agência social, em que pode desenvolver suas relações baseada apenas em empatias.

Não há absolutamente nada de sensual na nudez natural. A nudez sensual, que tanto tem a dizer, é na verdade apenas mais uma camada de roupagem, mais uma fantasia. E a sensualidade surge nas fantasias. As gueixas bem o sabiam.

A suposta fantasia de palhaço é, na verdade, a coisa mais próxima da nudez que encontramos em vida, que melhor representa nossa ridícula condição de existência. O terno executivo e a langeri apenas nos distraem dá humilhação que a visão natural dos outros nos traz. Se olhamos para um ser humano em sua nudez real, o que vemos não é nada libidinoso, não é potência que há, mas sim impotência generalizada diante da vida e de seu fim igualmente involuntários, um ser que nem sabe se sabe ou não, que amargamente ignora sua origem e seu futuro.